

KANT, I. *CRÍTICA DA RAZÃO PURA*. TRADUÇÃO E NOTAS DE FERNANDO COSTA MATTOS. PETRÓPOLIS: VOZES, 2012.

Gualtiero LORINI

O trabalho de tradução e anotação da *Crítica da razão pura* por Fernando Costa Mattos parece ter sido concebido, em primeiro lugar, para ajudar o leitor na grande tarefa que inevitavelmente acompanha a leitura de um texto tão rico e complexo. Como destaca o tradutor na “Nota sobre a tradução”, o trabalho do leitor da *Crítica* “não é nada fácil” (p. 8), e, tendo em conta que esta edição é também dirigida ao leitor lusófono não especializado, muitas das escolhas na obra em geral podem ser consideradas consistentes.

Nesse sentido, a decisão de não fornecer o texto original alemão em paralelo está em harmonia com a indicação, feita ao longo do texto, apenas da paginação da segunda edição (B, 1787), não também da primeira (A, 1781), que é indicada apenas nos trechos omitidos na segunda edição, e que vêm apresentados separadamente. O objetivo evidente, aqui, é dar ao leitor a mais clara e simples ideia possível sobre a expressão mais madura do criticismo kantiano, além das dificuldades pelas quais a maturação dessas ideias tiveram que passar. Isto, porém, não significa obviamente desistir de dar uma ideia da elaboração filosófica profunda que caracteriza a *Crítica*, e, precisamente, a posição em que foram colocados os trechos da primeira edição excluídos da segunda facilita este entendimento. De fato, estes trechos não são colocados em apêndices no final do texto, colocação que tornaria dispersiva sua comparação com os trechos homólogos, nem são colocados em longas notas; bem ao contrário, eles são colocados imediatamente depois dos parágrafos da segunda edição a que se referem. Desta maneira, as diferenças entre as duas edições são tornadas imediatamente evidentes, ao mesmo tempo facilitando a continuidade de uma leitura que em si requer atenção constante.

Isso se aplica, por exemplo, aos parágrafos do “Prefácio” à primeira edição, aos parágrafos da “Analítica transcendental” sobre a “Dedução transcendental” das categorias e aos parágrafos da “Dialética transcendental” sobre os “Paralogismos da razão pura”. Por outro lado, os trechos da “Estética transcendental” nos quais se encontram as maiores diferenças entre a primeira e a segunda edições do texto estão expostos e esclarecidos nas notas, porque sua brevidade permite esse tipo de tratamento.

Essa é uma dinâmica que caracteriza a configuração de todo o trabalho; como veremos, também no que se refere às escolhas de tradução. Ou seja: a identificação de uma regra metodológica geral, que, contudo, não é vinculativa, e, por essa razão, pode não ser respeitada, justamente quando uma exceção a ela contribua para u’a maior clareza.

Abordando agora as questões mais relacionadas à tradução, é preciso, em primeiro lugar, registrar a ampla visão obtida pelo tradutor no panorama das traduções existentes, e não só em português. De fato, Costa Mattos considera as principais traduções espanholas, italianas, francesas, inglesas e holandesas, e indica, para cada uma delas, a mais importante para o seu trabalho. Sem dúvida o quadro é exaustivo. O que poderia talvez observar-se é a ausência, por vários aspectos compreensível, da tradução de Pietro Chiodi entre as traduções italianas. As constantes referências às diferentes escolhas dos que emprenderam tais traduções, suas mútuas comparações e a explicação pelo tradutor do motivo que o levou, em cada caso, a seguir um em vez de outro, constituem a essência da anotação ao texto. Essa anotação é extremamente leve, mas muito precisa, e quase poderia ser considerada um pequeno comentário interno, de que agora consideraremos alguns exemplos.

A regra de base seguida pelo tradutor consiste na literalidade da tradução, e, nesse sentido, ele prefere verter *Naturwissenschaft* por “ciência da natureza”, e não por “física”, tendo em conta que Kant utiliza também o termo *Physik* de modo independente [B XII, p. 27]. Um caso semelhante refere-se à tradução do termo *Verbindung*, que é vertido por “ligação” no “peculiar contexto da dedução transcendental das categorias” [p. 128, B 130]. Por sua clareza imediata, essa opção é preferível a “conexão”, “composição” e “síntese”, que são opções susceptíveis de ter implicações teóricas parcialmente enganosas. Sobre esse ponto, “os únicos que tiveram trabalho facilitado – diz o tradutor – foram os holandeses [...] que, dispondo de uma palavra de origem tedesca, puseram [*sic*] adotar ‘*verbindung*’” [p. 128].

Uma questão na qual Costa Mattos fez, em nossa opinião, uma escolha inteligente, refere-se à dicotomia entre *Gegenstand* e *Object* para designar o “objeto”. Ele optou por traduzir sempre por “objeto” e fornecer entre parênteses o correspondente alemão, mas só em casos em que os dois termos diferentes incorrem no mesmo contexto [p. 30]. Isso expressa muito bem o foco principal do tradutor em facilitar a leitura, sem se esquecer de salientar a riqueza de uma língua com um vasto poder semântico como é o alemão.

Essa profunda atenção é reconhecível mediante duas dinâmicas específicas, em parte já mencionadas. A primeira visa destacar os casos em que o próprio Kant sente a necessidade de integrar um termo técnico alemão por meio do termo original latino ou grego [um exemplo é a relação entre *Totalität* e *Allheit*, B 111, p. 117; A 322/B 379, p. 291, traduzidos por “totalidade”]. Um outro exemplo disso é representado pela utilização em A 215/B 261 [p. 223] do termo “Commercium” não em itálico, como se Kant houvesse querido utilizar uma versão germanizada do termo latino, expressão que o tradutor opta aqui por traduzir para o português “comércio”.

Uma segunda dinâmica, mais ampla, diz respeito ao tratamento da sinonímia e das distinções entre os termos, discussão cujo propósito é tornar o mais consistente possível a exposição kantiana, ainda que por vezes só mesmo em termos de legibilidade. É o caso, por exemplo, de *Vermögen*, geralmente traduzida como “faculdade”, mas vertido em B 7 [p. 49] por “capacidade”, por oposição a *Unvermögen* ou *Selbsttätigkeit*, que o tradutor prefere verter literalmente por “autoatividade”, a fim de evitar confusão com o termo *Spontaneität*, mas que, num caso, quando utilizado adverbialmente, como *selbsttätig* [B 68, p. 92], tem

de ser necessariamente traduzido por “espontaneamente”. O termo *Grundsatz* é geralmente traduzido como “princípio”, mas em B 138 [p. 133] a literalidade de “proposição fundamental” foi preferida para marcar a distinção com *Prinzip*, que está imediatamente após. Um último exemplo desse tipo de dinâmica é representado por *Verstandesbegriff*, que é normalmente traduzido por “conceito do entendimento”, mas que em B 257 [p. 221] o tradutor preferiu verter por “conceito intelectual”, a fim de evitar a ambiguidade que resultaria da expressão “conceito do entendimento da seqüência”.

Há também casos em que esse tipo de escolha de tradução tem consequências teóricas ainda mais profundas, afetando os próprios fundamentos da Crítica e, mais em geral, do criticismo kantiano. Nesse sentido, podemos considerar a sinonímia entre *Erscheinung* e *phaenomen* [p. 31], de que algumas vezes Kant propõe formas germanizadas (*Phänomen*: A XI; A 407/B 433; A 546/B 574; A 563/B 591; *Phänomene*: A 206/B 251; A 264/B 320; A 774/B 802). Na sua anotação a propósito, Costa Mattos salienta a diversidade entre o sentido de *aparição/aparência* enquanto “fenômeno” [oposto a *Noumenon*, “númeno”], e a *aparição/aparência* como algo que pode enganar. Para esclarecer e diferenciá-la em relação a esse segundo significado, o tradutor decidiu verter *Schein* por “ilusão” [p. 93].

A tradução de *Mannigfaltige* por “diverso” e não por “múltiplo” (B 34, p. 71) é motivada pela vontade do tradutor em enfatizar o aspecto qualitativo da variedade na intuição sensível, em vez da simples conotação quantitativa representada pela multiplicidade. Por essa especificação, a escolha é compreensível. Costa Mattos mantém também uma importante distinção entre “figura” e “forma”, escolhendo o primeiro termo para traduzir *Gestalt* e evitando a sobreposição com o alemão *Form* [B 35, p. 72], que é também muito rico de outros significados no pensamento kantiano. É também significativa a escolha de traduzir *Beziehung* como “relação” e não como “referência”, seguindo em particular, nesse caso, Guyer e Wood, que marcam a distinção entre a relação da sensibilidade com os objetos em geral e a relação dos objetos entre si [A 45/B 62, p. 88]. No contexto de tão profunda atenção a questões linguísticas refinadas, porém, seria natural esperar uma tematização da complexa distinção entre os conceitos de “transcendente” e “transcendental”, que não parece resolvida na Crítica, e que nem sequer é considerada no glossário final, ainda que este seja bem organizado.

Em geral, esse trabalho permite um acesso documentado, preciso, e ao mesmo tempo o mais fácil possível, para um texto de complexidade inquestionável. Nesse sentido, o único elemento que poderia ser adicionado é um sumário mais detalhado, que explicitasse todos os parágrafos do texto. Em todo o caso, podemos apreciar a concisa precisão com que os principais aspectos da tradução são imediatamente colocados em evidência, e a capacidade de permitir ao próprio texto “falar”, aliviando-o, quando possível, de todos os elementos que não sejam úteis para a sua compreensão. Nesse sentido, podemos lembrar a escolha da opção proposta por Esposito sobre a emendação do que, com toda a probabilidade, foi um erro material na redação original do texto, ou seja, a inversão entre *dieses* e *jenes* (“esta”/“aquela”) e entre *in dem anderen* e *diesem* (“aquela”/“nesta última”) (B 258), de modo que, efetivamente, “a passagem da *relação de influência* para a *relação de reciprocidade*” faça sentido [p. 221]. Ou até mesmo quando se elimina a metáfora adotada por Kant para indicar a sutileza da argumentação especulativa

destinada a reconhecer “uma vida futura segundo princípios do uso prático da razão” (B 424, p. 315), e em seu lugar se usa uma perífrase mais clara em Português.

A partir dessas escolhas, emerge uma meditação cuidadosa sobre a real eficácia do trabalho de tradução e a utilidade de tal empreendimento em relação às diferentes necessidades da comunidade científica como do grande público. Tal é o resultado de um trabalho levado a cabo por um grupo de pesquisa, recordado pelo tradutor em suas observações introdutórias, no qual trabalho a comparação entre diferentes sensibilidades produziu um significativo resultado.